

menor felicidade, desde "Os Sertões" de Euclides da Cunha. Quanto às práticas cotidianas, o seu estudo também em países de mais antiga tradição sociológica é muito recente, não sendo de estranhar o seu atraso entre nós.

Sob êsse aspecto principalmente é de grande valor a contribuição de Thales de Azevedo; apresentando uma bibliografia interessante e pouco conhecida, apontando questões e problemas, numa análise sucinta mas objetiva, vem indicar caminhos novos aos estudos de Sociologia religiosa no Brasil.

*Maria Isaura Pereira de Queiroz*

RAFAEL GIRARD: *Los Chortís ante el Problema Maya. Historia de las Culturas Indígenas de América, desde su Origen hasta Hoy*. 5 volumes com 400 fotografias, 16 mapas, 3 diagramas, 16 pranchas e 9 plantas. Antigua Librería Robredo. México, 1949.

Os ambiciosos propósitos desta volumosa obra já vêm consignados no título e no subtítulo. Pretende o autor ter encontrado, através de suas pesquisas etnográficas entre os Chortí contemporâneos, o instrumento analítico que lhe permite desvendar os significados recônditos dos monumentos e documentos legados pelos Maya primitivos. De posse dos dados assim obtidos, retraça a evolução da totalidade das culturas indígenas das Américas, resolvendo de passo todos os problemas ainda hoje abertos à discussão.

O primeiro volume, na introdução, situa os Chortí na área cultural Maya, cujos limites e posição ecológica são estabelecidos; vêm em seguida os capítulos consagrados à antropologia física, ao idioma Chortí e sua posição histórico-lingüística, à etnografia, terminando pela descrição de auto popular, a "Dança dos Gigantes", em que o autor vê uma dramatização de episódios do *Popol Vuh*. Os volumes segundo e terceiro têm por objeto diferentes aspectos da religião Maya, o calendário sagrado, os ritos, os templos, a casta sacerdotal, a magia do govêrno das chuvas, a cosmogonia, a teogonia, o simbolismo dos monumentos arqueológicos, dos tecidos e da cerâmica. O volume quarto contém dois capítulos, "Esoterismo del *Popol Vuh*", e "Etnografía y Religión Comparadas", que inicia o confronto das culturas ameríndias, completado no volume quinto, cujo único capítulo se intitula "Arqueología e Historia".

Em primeira abordagem, o estudo do Sr. Rafael Girard se nos afigura promissor. A reconstrução histórica a partir de dados etnográficos é um método atraente e engenhoso; os frutos que dêle se podem tirar estão exemplificados no trabalho clássico de Sapir, "Time Perspective in Aboriginal American Cultures". A cultura Maya constitui um caso particularmente favorável à aplicação do método, pois que as massas camponesas que habitam hoje o Iucatã e os altiplanos da Guatemala e de Honduras Ocidental conservaram grande parte do estilo de vida do passado, o que se acha amplamente documentado nos monumentos arqueológicos e nas fontes históricas. Mas o nosso autor atribui aos fenômenos culturais uma rigidez na persistência que não faz justiça aos fatos. Tudo o que ocorreu na Mesoamérica depois da conquista espanhola êle considera negligenciável, a superfície de um palimpsesto a ser raspada para se descobrir o

real significado arcaico. Entretanto, nesta parte etnográfica da obra, que julgamos aproveitável com restrições, há curiosas ilustrações dos processos de sincretismo e reinterpretação, tais como a assimilação de Jesus Cristo aos símbolos solares indígenas, resultante do fato de se guardarem as hóstias nas custódias nimbadas de raios dourados, e a fusão entre os emblemas da cruz cristã e da cruz astronômica de antiga origem Maya. Já neste primeiro volume, no entanto, encontramos algumas das surpreendentes ilações que o autor pretende extrair do seu material.

Confinemo-nos a dois exemplos apenas. No primeiro parágrafo do Capítulo IV, que leva o subtítulo "Los Chortís hablan el lenguaje maya del Viejo Império", diz o autor que os Chortí desconhecem a arte de tallar a pedra, e só usam grosseiros assentos de madeira. "(...) sin embargo, encontramos que *ah pah caa*, o sea labrador de piedra designa al carpintero, *pas tun* es la traducción de tabla y *ká* (piedra) significa asiento o silla". O fato de que o idioma Chortí, como o Maya, não tenha vocábulos concernentes aos metais e à metalurgia, a palavra *chij*, veado, aplicada ao cavalo, constituem para êle argumentos, entre outros, que provam a tese de que a linguagem do Velho Império, tão escassamente conhecida, se tenha perpetuado no grupo que estuda. (V. vol. I, págs. 139 e segs.).

À página 300 do volume primeiro, encontramos a seguinte asserção, que dispensa comentários: "En su sistema social (e *su* aí se refere tanto aos Chortí quanto aos Maya) no aparece ningún abismo entre las masas y por lo tanto se desconoce la lucha de clases que agita al mundo presente, circunstancia que contradice la teoría de Marx con respecto a la historia de la humanidad culta".

À medida que se avança na leitura da obra os laços que ligam os observáveis às conclusões do autor se tornam mais tênues. Depois de passar sua fantasia pelos monumentos arqueológicos e pelos vestígios da cultura Maya, o Sr. Girard nos propõe uma interpretação evemerista do *Popol Vuh*, em que êle vê, transposta em linguagem mítica, a história do homem no Novo Mundo, desde o momento presumido em que os antepassados dos atuais ameríndios transpuseram o Estreito de Behring. Em seguida o Sr. Rafael Girard passa a usar de maneira indiscriminada a literatura americanista em busca de comprovantes da versão que lhe é inteiramente peculiar do livro sagrado dos Quiché, e não é de admirar que os encontre em abundância. Parece-nos inútil apontar, sequer a título de exemplo, as liberdades que toma com os textos a que recorre.

Quanto aos fundamentos teóricos da obra, diremos apenas que o autor parte de pressupostos evolucionistas, e, ao mesmo tempo, sem que se dê conta dos antagonismos entre as duas escolas, de teses difusionistas há muito refutadas pelo progresso das ciências antropológicas. "Los Chortís ante el Problema Maya" é uma construção mental puramente arbitrária, um exercício de imaginação desacompanhada de espírito crítico, que irá se juntar aos livros de um Elliot Smith ou de um Perry, para dormir, sob o pó, na paz das bibliotecas.

*Ruy Coelho*

ODORICO PIRES PINTO: "Arte Primitiva Brasileira", *Revista do Arquivo Municipal*, vol. CLVIII, ano XXI, janeiro de 1954 a junho de 1955, págs. 9-246, com numerosas ilustrações. Departamento Municipal de Cultura. São Paulo, 1955.